

Comentários

PRINTER 2004- Pólo 01

Afinal, que é o patrimônio no contexto de um ecomuseu ou museu comunitário e como é feita a partilha desse patrimônio em comunidade?

Minha querida Odalice Priosti, essa resposta deveria ser escrita a quatro mãos, como tem sido feito nos últimos 22 anos da minha vida. Infelizmente a minha companheira, María Angélica Villagrán, não pode responder ao teu chamado, ela faleceu no dia 09 de abril último.

Quanto a tua pergunta, independente do contexto, ela tem muitas respostas, tantas quantas forem feitas e é essa diversidade fantástica e não enquadrada que dá a dinâmica necessária e que faz com que o patrimônio tenha sentidos muito próprios, vivos e que manifestam a plasticidade dinâmica dos diferentes olhares que compõe cada célula deste continente chamado Brasil.

Não existe receita, e quando ela é feita, cuidado com as reduções (exclusões) que ela impõe, condicionando as leituras e as diferentes expressões do patrimônio.

Um morador vive o seu lugar e esse lugar é, mais que o cenário do seu acionar, algo entranhado e vivo que dá sentido a sua existência material e simbólica.

O Museu Comunitário, Ecomuseu, Centro Histórico, Sítios do Patrimônio ou qualquer denominação ou proposta artificial para resignificar um lugar, na verdade, são artifícios, todos louváveis, que tentam re-significar o que já tem significado: O QUE É.

O que realmente necessitamos, assim penso, é construir um olhar e um discurso que seja capaz, independente do lugar, situação social ou econômica, de socializar (formal e informal) cada indivíduo para que possa ter uma verdadeira inclusão social/cultural. Agora se essa ou aquela comunidade é ou não é um museu ou patrimônio de referência para os outros, isso não importa, o importante é que esse lugar seja um bom lugar, de forma crítica e consciente, para os seus moradores.

Quanto a partilha em comunidade: Tem uma máxima que diz: "Pinta teu bairro e serás universal". Infelizmente o que temos feito é pintar o nosso bairro em função do gosto e do discurso dos outros. O turismo, para responder as ISOS, vai criando cenários que vão equalizando, como se faz na música, os gostos (sons, compasso, harmonia, etc..) dos locais em função do consumidor de fora. Esse enquadramento estético padronizado do capitalismo selvagem, orquestrado pelos sete grandes, não aceita outra referência cultural que não seja a sua. Qualquer coisa diferente, destoante, por mais interessante que seja, tem que se enquadrar ou não entra no mercado.

A partilha deve ser feita, refeita e assim tantas e quantas vezes forem necessárias cara-a-cara com os outros e é desta forma que se faz o desenvolvimento. Muitos, como dizia Artaud, referindo-se aos críticos, "*gostariam que a nossa aprendizagem fosse feita entre quatro paredes, fechada nos laboratórios*", mas nós fazemos a cena aberta, cara a cara com o público. Somos uma nação jovem e temos muitas referências para, sobre elas, construir as nossas experiências e fazer desta uma verdadeira sociedade.

Um abraço,

José Itaqui.

Para Odalice Priosti

Assunto: Afinal o que é patrimônio no contexto de um ecomuseu ou museu comunitário e como é feita a partilha deste patrimônio em comunidade?

Prezada Odalice

Como disse o colega José Itaquí, "a tua pergunta tem muitas respostas", portanto venho compartilhar com vocês uma experiência de museu, que surgiu na comunidade de São José dos Campos no estado de São Paulo. Trato de resumi-la para vocês como um caso de museu que surgiu naturalmente, fruto do interesse das pessoas em conhecer sua cultura, e como é hoje feito o compartilhamento deste patrimônio:

A origem do Museu do Folclore está ligada ao movimento para criação de uma Fundação de Cultura no município de São José dos Campos, em 1986. Neste período muito importante da nossa história, durante o processo de re-democratização do estado brasileiro, se promoveu uma busca às origens e testemunhos de nosso passado e de nossa múltipla identidade cultural. Tal fato estimulou a implantação de vários arquivos, museus, centros de estudos e pesquisa e de documentação em vários locais no nosso estado.

Com o objetivo de desenvolver uma política cultural para as diferentes manifestações e expressões da cultura, a recém criada Fundação Cultural Cassiano Ricardo instalou 8 Comissões públicas e dentre elas a Comissão de Folclore. As discussões sobre a política cultural na área do folclore contaram com intensa participação popular, chegando a comissão a abrigar mais de 100 membros, dentre eles (profissões...). O Museu do Folclore foi um dos seis projetos criados pela Comissão de Folclore da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, com o objetivo de desenvolver uma política cultural na área de folclore para São José dos Campos. Os outros 5 projetos foram: 1 – Formação de um grupo de projeção estética de folclore, Grupo Piraquara para divulgação do folclore. 2 – Publicação anual de uma pesquisa de folclore, série "Cadernos de Folclore", informação e divulgação do folclore. 3 – Desenvolver ações de apoio, estímulo e revitalização a grupos folclóricos, visando a salvaguarda do folclore. 4 – Formação de acervo através de documentação, em vídeos, fotografias e gravações das manifestações populares, festas cíclicas cívicas e religiosas para informação e divulgação de folclore. 5 – Estimular a produção científica, promovendo cursos, simpósios, seminários, encontros e pesquisas de campo (formação). Entre 1997 e 1999 o Museu do Folclore de São José dos Campos instalou-se no complexo da antiga Tecelagem Parahyba, no atual parque da cidade Roberto Burle Marx, com recursos da Lei de Incentivo Fiscal do Município. Neste período é criado o Centro de Estudos da Cultura Popular –CECP, organização não governamental que tem a finalidade orientar e dar suporte aos trabalhos desenvolvidos pelo Museu do Folclore. Desde 2001 o CECP realiza convênios anuais com a Fundação Cultural Cassiano Ricardo para dar continuidade a seus projetos e ações.

Atualmente o Museu do Folclore já absorveu quase todos os projetos da Comissão de Folclore (extinta em) e realiza outras ações, como por exemplo, **Exposições** museológicas, no Museu e em outros espaços públicos, **o Museu Vivo** que traz ao Museu , aos domingos, os mestres -

donos dos saberes e fazeres, com o objetivo de facilitar trocas de informações com os visitantes do Parque da cidade, onde se localiza o Museu. As **Terças com Folclore**, que são colóquios com professores da rede pública e privada e o **Apoio ao Núcleo Içá-Bitu - NÚCLEO REGIONAL DA COMISSÃO PAULISTA DE FOLCLORE**, que tem o objetivo de registrar as manifestações da Cultura Material e Imaterial das cidades que fazem parte deste Núcleo - São José dos Campos, os sub-distritos Eugenio de Melo e São Francisco Xavier, Jacareí, Santa Branca e Igaratá.

Assinam: ASB. FD. AS